
NOTAS ROCAMBOLESCAS — HISTÓRIAS DE
ESCUSOS HEROIS

Marlyse MEYER*

Este texto faz parte de um livro meu em vias de publicação, intitulado *Folhetim: uma história*. Trata-se de uma história do romance-folhetim francês, da chegada e tradução desse folhetim no Brasil, quase concomitantes à sua publicação francesa, e de seu duradouro sucesso entre nós. Lembro que se entende por romance-folhetim uma forma de publicação de ficção aos pedaços, num jornal cotidiano, tendo como fins explícitos aumentar-lhe a vendagem. A fórmula foi inventada na França por volta de 1836, na previsão de um aumento de público de leitores, nascido da chamada Revolução burguesa de 1830. Burguesa, porque, à euforia das barricadas que por um momento juntaram burgueses e as novas classes (as classes laboriosas/classes perigosas), sucedeu-se a tomada do poder pela burguesia comercial e a nova burguesia industrial. Reinado de Luís-Felipe. Época em que começam a se organizar os trabalhadores, cujas miseráveis condições de vida vão precisamente ser o fulcro do primeiro dos grandes romances-folhetim.

Esse novo gênero romanesco nasceu das restrições que impunham o corte cotidiano, acompanhado da fórmula-chamariz, “continua-se amanhã”, e da necessidade de um contínuo espichamento do enredo em peripécias e repetições más, no caso de a história agradar ao leitor-comprador (ou prestador) de jornal. A fórmula foi se elaborando aos poucos, até o estouro na década de 1840 dos grandes nomes e grandes títulos, alguns imorredouros:

Eugène Sue: *Les mystères de Paris*. (*Journal des Débats*, junho 1842-outubro 1843).

1844:

Eugène Sue: *Le Juif errant*. Alexandre Dumas: *Le Comte de Monte-*

* Universidade de São Paulo

Cristo. Alexandre Dumas: *Les trois Mousquetaires*. Seria a fase do grande folhetim romântico.

E daí para adiante uma multitude de folhetinistas, um sem número de títulos ocupam anos a fio os rodapés dos jornais que brigam entre si para disputar o melhor autor, ou seja, aquele mais amado do público leitor. Este interfere na ação, exige a volta dos personagens, escreve aos autores pedindo emprego, etc..

Em 1848, feito rastilho de pólvora, movimentos revolucionários percorrem a Europa. Em Paris, entre 22 e 24 de fevereiro erguem-se barricadas. Começa-se a exigir a reforma eleitoral, a melhor organização do trabalho, a instrução para todos e termina-se, a 24, por expulsar Luís-Felipe e se proclamar a (Segunda) República. A aparente vitória dos trabalhadores acaba nas novas barricadas de junho de 1848, em que burgueses e operários de Paris se entrematam, milhares de operários acabam chacinados pelo exército regular. e outros tantos deportados. A nova República irá desembocar no golpe de Estado de 2 de dezembro de 1851, encabeçado pelo Príncipe Presidente, Luís Napoleão Bonaparte, futuro Napoleão III (apelidado por Victor Hugo de Napoléon, le petit), que haverá de despachar militantes, congressistas e progressistas para o exílio.

Não faltará quem tivesse atribuído a revolução à má influência do romance-folhetim, que abriu os olhos para a miséria das classes laboriosas. E até Eugène Sue, que fora um dandy refinado, acabou se contagiando com a própria obra, elege-se deputado socialista, é exilado e morre no exílio. Nesse tempo foi publicando com muito sucesso, em fascículos nunca aceitos pelos editores oficiais, *Os Mistérios do povo*, obra, dizem, que teria sido decisiva na vocação do futuro Allan Kardek. (Note-se que o *Livro dos espíritos* de Allan Kardek sai no mesmo ano que *Rocamboles*, 1857).

O Príncipe Presidente começa suspendendo a publicação de romances-folhetim, mas a censura cede diante da constante demanda de um gênero muito amado. Este regressa triunfante nos jornais, passa definitivamente a ser sinônimo de romance popular, e para ele, assim como para o “fait-divers”, abrem-se as páginas do novo e triunfante *Petit Journal*, (1863-1870), o jornal de um tostão.

O folhetim do Segundo Império (1852-1870) ocupa um vasto leque temático, romance de detetive, de aventuras, exótico, de crimes, etc... Entre os mais prolíficos e populares folhetinistas está o pseudo Visconde Ponson du Terrail. Suas *Proezas de Rocamboles* estendem-se a partir de

1857 por anos a fio, tendo o público obrigado o autor a ressuscitar Rocambole nas inúmeras vezes em que o enfarado autor colocava um fim. Este fim só será definitivo com a morte do autor em 1870.

Se escolhi focalizar Rocambole é porque o termo rocambolesco, que a partir desse nome foi gerado, sugere muito mais coisas do que simplesmente aventuras descabeladas e inverossímeis, como é entendido pelo senso comum. Ele está estreitamente ligado à época que viu nascer a personagem. Época do florescimento da revolução industrial na França, das grandes empreitadas e dos grandes escândalos financeiros; do luxo desenfreado da Corte, da opereta de Offenbach, com “Les Gaités Parisiennes” e o personagem do Brésilien, de expedições militares desastrosas que levariam ao desvario da guerra franco-prussiana. Das grandes cocottes. Do fortalecimento das organizações operárias. Do Manifesto Comunista que precede de pouco a revolução de 48, e do primeiro Congresso da Internacional, (Genebra, 1866). Dos enriquecimentos rápidos. Da construção das estradas de ferro, da grande força da imprensa e de sua difusão nacional, graças aos trens e aos recém-criados serviços das “messageries”. Época dos banhos de mar, das *Fleurs du Mal* e de *Madame Bovary*, que nasceram no mesmo ano que *Rocambole*, ao mesmo tempo em que a Legião de Honra era atribuída, num mesmo ano, a Flaubert e ao Visconde.

Rocambole, um escuso herói, estará muito à vontade nesse mundo que vai desmoronar, logo após a morte do seu criador, e levar à terceira República, a 4 de setembro de 1870 e a um novo banho de sangue que encerra a utopia operária da Comuna de Paris (maio de 1871). E a uma modalidade de romance-folhetim, aquele que apelidei de “desgraça pouca é bobagem”.

E essa adequação à sua época é que me permitirá fazer certas aproximações com um texto hoje fora do moda (?), bem como, por incrível que pareça, com uma certa atualidade, nossa em particular.

Mas o rocambolesco também está associado a uma incontestável fruição do imaginário, como também veremos.

A aproximação que tento fazer soa talvez tão insólita quanto aquele “fortuito encontro, sobre uma mesa de dissecação, de uma máquina de costura e de uma guarda-chuva”, imaginado por Lautréamont (*Chants de Maldoror*, chant VI). Não terá esta aproximação a beleza que o poeta atribui ao encontro, nem será tão fortuita; terá sua lógica, como tem sua lógica essa associação com Maldoror, como se verá. Além disso, para todos que aqui reúnos, os tempos são os mesmos. “... *le temps des*

assassins” de que fala outro poeta ainda, Rimbaud. Sanguinária corrente que nasce nas barricadas de junho de 1848 e vai se despejar nas da Comuna em 1871. Abarcando aquele “período sem relevância”, em que a cumplicidade do partido da ordem abre o caminho do poder a um “canalha medíocre” e trapaceiro.

Aproximo uma obra de “baixa” ficção, de puro desvario imaginativo, um famigerado romance folhetim, pasto cotidiano dos jornais de um tostão e um texto “serio”, análise de fatos históricos, realmente acontecidos. Este, aliás, não por acaso talvez, é construído como um romance policial: onde o narrador-detetive-autor, após apresentar o crime, vai desentranhando das sombras o criminoso, vai destrinchando suas artimanhas de meliante, desmontando seus truques, denunciando a comédia de máscaras de seus cúmplices da alta. O autor-detetive lança mão até dos macetes do romance folhetim: “Recapitulemos...”, “Retomemos o fio dos acontecimentos...”, “Antes de prosseguirmos; tornam-se necessárias algumas explicações...”, etc. Mas como a comédia, a farsa, o romance são, ao fim e ao cabo, História, o criminoso desmascarado não é punido, alcança sua meta e sobe no seu apropriado trono de verdade. Título do texto “sério”: *O 18 Brumário de Luís Napoleão Bonaparte*. Seu autor: Karl Marx. 7 capítulos escritos entre 1º de janeiro e 25 de março de 1852; 1ª edição Nova Iorque, 20 de maio de 1853, reed. 1869.

Já o romance de verdade — melhor dizendo os romances, uma vez que constituíram uma série que se publicou durante mais de dez anos —, narra as *Proezas de Rocambole*, personagem redivivo, uma vez que seu criador tenta sempre matá-lo, mas a pedido dos leitores aflitos, sempre teve de ressuscitá-lo, donde: *As últimas palavras de Rocambole*, *A última reencarnação de Rocambole*, *A volta de Rocambole*, etc. O novo Fênix só vai morrer mesmo com a morte, esta sim, inapelável, de seu autor, em 1871. Este autor: um pseudo Visconde, fecundíssimo e compulsivo escrevinhador, Ponson du Terrail.

Ambos os livros ligados à mesma época histórica: o Segundo Império na França. Ambos lidando com a mesma categoria de “heróis”. Heróis de fancaria: real um, fictício outro, “crápulas” (Crapulinski), canalhas medíocres os dois. Só não é medíocre a sua capacidade comum de trapacear, ludibriar, conspirar na sombra, o seu “espírito inventivo” que saberia resolver qualquer dificuldade que barrasse o caminho de seu interesse” (*Turquoise*, p.144). São ambos mestres em “combinações infernais”, (idem), em metamorfoses e disfarces, “veste lacaio londrino

em uniformes franceses” (18 Br., p.71), às voltas com “negócios colossais” (O clube dos valetes de copas p.27), “ financiando a Assembléia Nacional com as verbas que acabara de extorquir dela “(18 Br., p.73). Herói(s) que tal “novo Diógenes, andava em busca de uma mulher, de uma mulher que necessitava para a execução de seus planos tenebrosos” (Clube, p.68) e levava “vantagem sobre o burguês vil porque podia conduzir a luta por meios vis”. (18 Br., p.80).

Ambos os livros tratam de sobrinhos desbancando tios gloriosos. Sir William-Conde Andrea, o tio duas vezes ficcional, já que é ele quem escolhe e adota o “sobrinho”-discípulo, que vai lhe passar a perna, é herói degradado em relação a seus antepassados do folhetim romântico. Não tem a aura de um Vautrin-Carlos Herrera de Balzac, nem mesmo aquela que ainda o envolve quando torna a surgir (depois de *Pai Goriot e Ilusões perdidas*) num folhetim explícito como *Esplendor e miséria de uma cortesã*. E o outro tio, tio de verdade, herói de verdade, é o “velho Napoleão” do qual não só “fizeram a caricatura, como geraram o próprio velho Napoleão, tal como deve aparecer necessariamente em meados do século XIX”. (18 Br., p.20)

O tio, o Mestre de Rocamble, cuja ação atravessa o livro todo, ainda justifica suas vís ações com a grande motivação dos heróis matriciais, a vingança, e conserva uma retórica oriunda de suas origens aristocráticas. Já o sobrinho, Rocamble, filho de guillhotinado, nascido nas sarjetas de Paris, faz a maior gozação das motivações “elevadas” do “tio”, orgulha-se de suas origens e “rocambleia” sem a menor retórica ou pseudomoralidade. Passar por visconde sueco ou marquês brasileiro⁵⁶ entre outras múltiplas metamorfoses, manter aceso o olhar sedutor e magnético, chefe embuçado de sociedades secretas que atingiram, como suas andanças, dimensões planetárias, prevaricar, matar, subornar, ludibriar, dissimular, e outras armas do mesmo jaez são as chaves para alcançar a única meta do herói-bandido: dinheiro. Isto, mesmo quando, às tantas, pretende se regenerar e passa para as hostes do bem, que, como por acaso, se confundem com o mundo da ordem estabelecida, e sua meta passa a ser colocar suas renovadas façanhas a serviço do órfão e do desvalido a quem ajuda a recuperar as heranças de que são legítimos proprietários. Nem por isso se desfaz de sua corja de escravizados à sua vontade e a seu botim, nem deixa, ao fim e ao cabo, de agir em interesse próprio. “E em Bonaparte o pretendente imperial estava tão intimamente ligado com o aventureiro em maré de pouca sorte que sua grande idéia, a de que era chamado a restaurar o

império, era sempre suplementada pela outra, de que o povo francês tinha a missão de pagar suas dívidas.” (18 Br., p.58)

“Uma longa vida de vagabundagem aventureira dotara-o de sensíveis antenas para sondar os momentos de fraqueza em que poderia extorquir dinheiro de seus burgueses.” (18 Br., p.69) Se ao tio ainda se aplicam elogios: “forte, paciente, audacioso, hábil em manusear a arma terrível da dissimulação” (*Turquoise...* p.223), ainda que covarde diante do perigo como todo verdadeiro celerado, o sobrinho é menospresado até por bandidos.”... Zampa soltou uma gargalhada tão estridente que fez estremecer Rocambole. E continuou: — Como bem se vê, meu caro, tu não tens a alma de um verdadeiro bandido, mas sim o coração de um tratante vulgar! não és um celerado, és um ladrão miserável! Não serves aqueles que te serviram; a tua recompensa é matá-los...” (*A desforra de Baccarat*, 4º volume da edição Companhia Brasil, S.Paulo, 1946, p.111.)

Não se poderia acoplar tão malsinada figura àquela “figure malpropre”, àquela “personalidade ridícula, ordinária... do pseudo-Bonaparte que o muito poderoso partido da ordem foi obrigado a levar a sério”? (Marx, *Les luttes des classes en France*, 1848-1850, p.106)

Levar a sério o presidente de uma sociedade secreta? Qual delas? *O Clube dos valetes de copas*, “misteriosa e temida associação” cujo chefe só age na sombra e transmite suas ordens através de um lugar tenente, sempre empenhada em “operações que podem dar resultados fabulosos”, com rituais lembrando a maçonaria, cujos sócios, sempre encapuçados nas reuniões secretas em casas labirínticas, não se conheciam uns aos outros, e eram recrutados nos meios mais diversos, artistas, lacaios, antigos militares, velhos trabalhadores de vida misteriosa e aparência assustadora, dandies, estrangeiros exóticos, etc.. (*O clube...*, capítulo III).

Ou seria a Sociedade de 10 de Dezembro? “Esta sociedade originou-se em 1849. A pretexto de fundar uma sociedade beneficente, o lumpen-proletariado de Paris fora organizado em facções secretas... Lado a lado com *roués* decadentes, de fortuna e de origem duvidosas, lado a lado com arruinados e aventureiros rebentos da burguesia, havia vagabundos, soldados desligados do exército, presidiários libertos, forçados foragidos das galés, chantagistas, saltimbancos, *lazzaroni*, punguistas, trapaceiros, jogadores, donos de bordeis, carregadores, *literati*, tocadores de realejo, trapeiros, amoladores de facas, soldados, mendigos — em suma toda essa massa indefinida e desintegrada, atirada de meca em meca, que os franceses chamam *la bohême*; com esses elementos afins, Bonaparte

formou o núcleo da Sociedade de 10 de Dezembro. “Sociedade beneficente” no sentido de que todos os seus membros, como Bonaparte, sentiam necessidade de se beneficiar às expensas da nação laboriosa...” (18 Br., p.70-71)

Não faltam, como se vê, as parecenças. O fantástico, é que é o “herói” histórico, o Bonaparte-sucedâneo, o existido, o Crapulinski “salvador da sociedade” (18Br., p.27), que prefigurou o “herói” ficcional, cujas cascadeantes proezas haveria de alegrar-lhe o reino, como que o espelhando. Tal como o cientista, que, com seus cálculos, pode prever novo planeta ou novas partículas, Marx, na sua minuciosa e contundente análise que desencavou e trouxe à tona as artimanhas e a ambição de um príncipe-lumpen, constrói, em antecipada projeção, o único herói romanesco possível dessa época sem heróis e sem fastos, a mesma que deveria matar a sonhadora Emma Bovary.

E mais ainda, pode-se observar no romance de Rocambole algo semelhante ao que Marx sintetizou na fórmula consagrada: a retomada do mesmo a repetição do acontecido no registro da farsa. A paródia, enfim.

Para o observador externo, Rocambole se apresenta, ainda que nem sempre o autor esteja consciente disso, como a paródia do grande folhetim romântico à Eugène Sue, à Alexandre Dumas. O que não significa que o resultado não fosse um produto sui generis, que deu lugar até a um novo conceito, o rocambolesco, assim como a farsa do “segundo Bonaparte” gerou um muito concreto governo e um conceito político, o bonapartismo. Fantástico fenômeno de leitura, que varou o tempo e as fronteiras, saindo em jornais, multiplicado em livros, em diversas línguas, em múltiplas edições, encarnou-se no teatro. Chegou cedíssimo ao Brasil, seguindo a mesma trajetória — jornais, livros, múltiplas edições que atravessaram o século, teatro — e foi das primeiras leituras de muita gente boa, de Monteiro Lobato ou Graciliano Ramos. Já Machado de Assis pretende nunca tê-lo lido: a (serrilha) que nos dera mais no goto, a que nos sustinha neste vale de lágrimas, a que nos dava brio e força era... (sic) era ele, o eterno, o redivivo, o nunca assaz louvado *Rocambole*, que eu julgava perdido para sempre, mas que afinal ressurgiu das próprias cinzas de Ponson du Terail. Ressurgiu. Eu o vi (não o li), vi-o com estes olhos que a terra há de comer; nas colunas do *Jornal*, a ele e mais as suas novas façanhas, pimpão, audaz intrépido, prestas a mudar de cara e de roupa e de feitio, a matar, roubar, pular, voar, e empalmar... Eu devo confessar este pecado a todos os ventos do

horizonte; eu (cai-me a cara no chão), eu... nunca li *Rocambole*, estou virgem dessa *Ilíada* de realejo... nunca jamais em tempo algum me lembrou ler um só capítulo do *Rocambole*... (Crônicas. *História de 15 dias*, 1877, livro 1, Aleluia! Aleluia!, p.390).

Não será “coquetismo” de Machado? Não lhe escapou a adequação do herói a seu tempo, o que evidentemente supõe uma leitura, no caso acuradíssima, quando, no “segundo livro” da *História de 15 dias*, faz uma comparação entre quatro heróis, Aquiles, Enéias, Dom Quixote, Rocambole: “Cada tempo tem a sua *Ilíada*... Rocambole... vendo arrasado o palácio de Príamo e desfeitos os moinhos da Mancha, lançou mão do que lhe restava e fez-se herói de policia, pôs-se a lutar com o código e o senso comum. O século é prático, esperto e censurável; seu herói deve ter feições consoantes a estas qualidades de bom cunho. E porque a epopéia pede algum maravilhoso, Rocambole fez-se inverossímil; morre, vive, cai, barafusta e some-se, tal qual como um capoeira em dia de procissão... Veja o leitor, se não há um fio secreto que liga os quatro heróis. É certo que é grande a distância entre o herói de Homero e o de Ponson du Terrail, entre Tróia e o xilindró. Mas é questão de ponto de vista... Outrora excitavam pasmo aquelas descomunais lanças argivas. Hoje admiramos os alçapões, os nomes postiços, as barbas postiças, as aventuras postiças. Ao cabo tudo é admirar. (Crônicas, *História de 15 dias*, 1877, livro II, p.391-92)

E é interessante que o livro preferido do doido, ex-mendigo, Quincas Borba fosse o Quixote, ao passo que, entre tantos modelos possíveis, o herói do ensandecido Rubião fosse o Imperador dos Franceses. Ou seja um Príncipe lumpen. Um imperador postiço, em suma. Teria Machado de Assis sabido que a própria imprensa satírica francesa assimilou, em textos e em caricaturas — por exemplo em *La lune*, de 17 de novembro de 1867, a figura de capa é um terrível desenho de Napoleão III com a legenda: “Portrait authentique de Rocambole”, ilustrando um violento editorial — o redivivo herói à imperial figura com o qual, com tanta paixão e imitação total, se identificou o endoidecido herdeiro do fundador da Humanitas? Não será uma bela alegoria daquele universo de trapaças em que banha o casal Palha e levou de roldão desde o velho major, até o próprio Rubião?

O que me parece igualmente espantoso, e talvez também legitimasse meu trabalho, é a atualidade de Rocambole, como é sempre pertinente o significado pleno do seu conceito-chave. Se “rocambolesco” acaba sendo o estereótipo que define toda e qualquer aventura malucamente

inverossímil, isto, para começar, não quer dizer que essa seja forçosamente ficcional. Haja visto o número de vezes em que os sisudos jornalistas do *Le Monde* precisaram lançar mão desse conceito para definir o gorado “golpe moscovita” de agosto de 1991. E lembro-me quando, anos atrás, eu estava mergulhada — por obrigação de ofício e deleite pessoal — na leitura dos trinta e tanto volumes das proezas de Rocambole, para continuar o já mencionado artigo, a leitura dos jornais da época me fazia confundir os campos. Eu ia patinando do imaginário ao real, do acontecido — deu no jornal — ao inventado, não sabia às vezes se estava lendo o noticiário ou outra versão do Rocambole, tão rocambolescos eram os fatos jornalísticos...

A época era a das Brigadas Vermelhas, dos terroristas de Baader-Meinhof na Alemanha, do terrorismo palestino, de Abu Nidal e do célebre Carlos-Chacal e seus mil disfarces e nomes. Ou era Rocambole, travestido? Época dos escândalos das lojas maçônicas e dos *bas-fonds* financeiros do Vaticano, tráfico de cocaína, máfias, etc. E, na pátria amada, cada vez mais fortes os contraventores do bicho, as sociedades secretas nem tão secretas, bandos da droga e o Comando Vermelho nas penitenciárias, bandido bandido como Lucio Flávio, que não queria conversa com outro bandido, o belo Mariel Marescot, porque acreditava na pureza bandital, tal como o acima citado Zampa, conforme uma sua entrevista: “Sei que sou bandido. Mariel eu não sei o que é. Eu disse a ele, não dá para a gente fazer acordo, porque bandido é bandido, polícia é polícia. É igual azeite e água, não se misturam” (*Folha de São Paulo*, 9-10-1981). Misturam sim.

E, tal Rocambole-Roberto do Diabo, que acabou “trabalhando para o bem”, sempre manipulando a ralé, o belo Mariel Marescot, tão amado e chorado pelas mulheres, se “converteu” e bandeou-se para os lados da polícia, para “ajudá-la”. Foi também a época do competente e mundano cirurgião plástico, assistente do dr. Pitanguí, o dr. Hosmanny. Amante muito chorado de Becky Klabin e Marisa Raja Gabaglia, as quais poderiam ter clamado como Wanda, a escrava amante do romanesco herói: “Rocambole, Rocambole onde estás que não me acodes?” (*A última palavra de R.* edição João do Rio, 8ª parte, 2º vol, p.285). Hosmanny e suas mil fugas espetaculares, de Mercedes, de avião, do presídio, etc. Um itinerário até mais rocambolesco e difícil de acompanhar do que aquelas andanças do próprio Rocambole, por exemplo quando tenta, ficando de olho no seu tesouro, “ajudar” o rajá Osmani. Nem falta a cirurgia plástica metamorfoseadora, a mesma a

que se submeteu o italiano Busceta (quem teria sido o hábil cirurgião?) e o Conde Andréa, que, com sua cara nova, continua sendo o cabeça de muita conspiração, a partir de seu refúgio na sua ilha (dos Porcos?).

Mola mestra de Rocambole, de bandidos convertidos, os de verdade e os de mentirinha, de cirurgiões plásticos devassos, contraventores de vários (e articulados) ramos, da ralé que acompanha os grandes, e até de muita gente boa que os inveja, é o dinheiro. Não mais um romanesco tesouro escondido na grotta, mas aquele botim que abre a Rocambole e seus êmulos os salões da nobreza parisiense, do almirantado inglês, dos antros secretos dos thugs estranguladores, dos Fenian irlandeses e do comando vermelho, das colunas sociais e das escolas de samba e clubes de futebol. A dinheirama que permite possuir residências incríveis, castelos fortificados e ilhas, frequentar hotéis elegantíssimos, possuir carruagem deslumbrantes, mulheres escravas e garantir fugas espetaculares. E o que sobrava, Rocambole o convertia em bonus e ações descontáveis na praça... de Londres.

Pode-se então dizer que o termo rocambolesco não é somente um estereótipo definindo qualquer aventura descabelada, mas designa precisamente aquele conjunto de ações, conspirações e planejamentos saídos de uma cabeça muito fria, de inteligência ímpar, para a urdidura da trama que permite, utilizando todos os talentos, todos os vícios, subornando, ameaçando, lançando mãos do crime e da sedução, para alcançar a qualquer preço, sem o menor escrúpulo, desconhecendo até a menção da moral, a única meta que interessa: o dinheiro. “Rocambole... tem ótimas disposições... mas é diabolicamente curioso... Queria saber a explicação do enigma. Mas nessa explicação é que está a minha vingança, porque só eu é que sei quais as ramificações que unem aqueles que odeio com os que tenho interesse em ferir... acham-se todos presos uns dos outros... Pertencem-me todos antecipadamente e estão envolvidos pela trama que há cinco anos tenho urdido, dia a dia, e hora a hora...” (*Clube*, ed. Progresso, p.63) Não seria impróprio atribuir essa fala ao próprio Ponson du Terrail, cuja genialidade consistiu em, tal como sua criatura, conceber e construir a máquina fria de planejar e urdir, fio por fio, todas aquelas tramas diabólicas em que as vítimas designadas acabarão fatalmente por se enredar, perder-se, o que constitui o conjunto das aventuras de Rocambole. É nesta máquina que consiste o rocambolesco. O termo não designa meramente um conjunto de truques para movimentar enredos, para agarrar e agradar um público, mas é também e sobretudo um paradigma, com sua estrutura já montada, de

todo um sistema de bandidagem generalizada que não envolve só grandes bandidos, mas atravessa o mais banalcotidiano. E Rocambole, que deixou longe no tempo seu gêmeo Crapulinski, é o abrc-alas deste banditismo poroso que parece uma das marcas da sociedade contemporânea e do qual a categoria do rocambolesco é o paradigma fundador.

Poder-se-ia dizer que, da mesma maneira que o historiador antecipou e previu com seu gênio analítico o príncipe do lumpen ficcional, o escrevinhador Ponson du Terrail, este gênio do rodapé, observador pragmático de uma realidade que lhe fornecia temas e habitado pelo delírio da imaginação, ao construir ficcionalmente seu protético herói e seu sistema de ação, também soube antecipar e prever o gangsterismo generalizado que assola a sociedade moderna, tão brilhantemente inaugurado pelo Bonaparte-substituto, o que fecha o círculo. Da História à ficção rocambolesca e do rocambolismo triunfante novamente à História.

Era de Aquário? Por que não de Rocambole? Muito bem aclimatado nas terras de Malazarte, João Grilo e Zé Pelintra, mas onde até eles hoje fariam figura de santinhos. Por outro lado, como aponta Sonia Jordão, o sucesso que acompanha e suscita a longa e renovada recriação do herói, em vida de seu autor, de 1857 a 1871, e depois, “renascido das próprias cinzas de Ponson du Terrail” como lembra Machado, já revela uma predisposição para a identificação com um herói negativo em termos de moral, mas totalmente positivo em termos de sucesso, alcançado por qualquer meio. Denota uma aceitação, uma acomodação que já aponta para todas as “banalizações” do mal que estão por vir.

E se se pode ver em Ponson du Terrail, num processo inversamente simétrico ao de Marx, o “vidente” que previu, simbolizado em Rocambole e no rocambolesco o advento do banditismo banalizado e erigido em valor positivo, ele também prevê a complacência universal com essa forma generalizada de comportamento.

Estamos perdendo a noção da moral, do certo e do errado. Consideramos vitoriosos aqueles que ganham muito dinheiro, seja como for. Estamos apontando para nossos filhos o exemplo social do criminoso, daquele que ganhou dinheiro corrompendo jovens, mas ficou rico. (Veja, 28 de agosto de 1991)

Quem sabe consegui justificar para mim mesma que vale a pena

perder tempo com um caudaloso e quase “inenfrentável” sub-produto literário, de tão denegrado autor. Tentar atacar por vários flancos *As Proezas de Rocambole*, ressuscitando velhos textos meus, fragmentos, tentativas de abordagens que eu não poderia considerar análise, textos eles próprios também folhetinescos, porque foram sendo escritos em picadinho, coincidindo com ou sucedendo ao longo tempo da leitura dos próprios romances, cada novo romance desmanchando a impressão do anterior pelas novidades que ia introduzindo a inesgotável imaginação do autor. Textos que reexamino hoje, quase dez anos depois — até parece Alexandre Dumas —, que preciso ordenar para efeitos de publicação. Enquanto o paciente leitor se digna a esperar este meu folhetim que não terá a sedução daquele que o motivou, que tal se, para espairer, nestas épocas de narcotráfico, seqüestros, planos econômico-larápios, capitães Guimarães e sumidos Ivos Noal, imperando a Republica das Alagoas, os realistas melodramas lacrimosos mascarando malversações, que tal se esquecéssemos a folhetinesca realidade e fóssemos ler romance, por exemplo os trinta e tanto volumes em que se espraíam as *Proezas de Rocambole*?

E para que a gente não se envergonhe de se entregar a tão fútil lazer — já não basta a novela? — ocorre lembrar um muito ilustre exemplo, o qual é também um dos raros que ajudam a erguer um véu sobre esse mistério que, apesar de todas as modernas teoria da recepção, sempre envolve a questão da relação entre o leitor e sua leituras. São poucos os depoimentos diretos que permitem ir fundo na avaliação do impacto e dos efeitos da leitura no imaginário de um leitor particular e, para falar com Darnton, dos seus “efeitos cognitivos e afetivos.” (*O beijo de Lamourette*, p.149). Temos um testemunho excepcional, onde o esforço da memória tenta captar os efeitos perturbadores e formadores da leitura no imaginário de um jovem sedento de livros, quase inexistentes no seu perdido lugarejo de origem. E não qualquer livro: “eu precisava ler, não os compêndios escolares, insossos, mas aventuras, justiça, amor, vinganças, coisas até então desconhecidas...” Tão forte desejo encoraja o menino a procurar um dos únicos donos de biblioteca do lugar, “homem sabido, conhecedor de Marat, Robespierre”, o tabelião Jerônimo Barreto, que o “desviou para as obras de carregaçã”, depois de lhe ter emprestado *O Guarani*. Fecundo desvio que também o desviaria das linhas certas da “espécie de colégio” em que foi introduzido, cujo diretor “esteve semanas sem me dirigir palavra, certamente julgando-me imbecil, o que muito me serviu”. Nome do

ávido leitor e incorrigível aluno: Graciliano Ramos. Embora o que sabemos dele nos faria imaginá-lo antes leitor de Karl Marx do que de literatura de carregação, naquela época primordial das leituras formadoras, Graciliano também deitou e rolou nas barrocas volutas do caracol rocambolésco. Ouçamo-lo, para encerrar estas notas, falar da obra de um Visconde tão falso quanto o de Sabugosa e dos seus efeitos na sua abertura ao mundo e à narrativa literária:

Nesse tempo” (o da “espécie de colégio”),” eu andava nos fusuês de Rocambole. Jerônimo Barreto me fazia percorrer diversos caminhos: revelara-me Joaquim Manuel de Macedo, Júlio Verne, afinal Ponson du Terrail, em folhetos devorados na escola, debaixo das laranjeiras do quintal, nas pedras do Paraíba, em cima do caixão de velas, junto ao dicionário que tinha bandeiras e figuras.

Os meus colegas se afastavam de mim, declamavam as capitais, os rios da Europa. E eu mascava os prolegômenos...

Quando tomei pé na Europa, eles exploravam outras partes do mundo. Surdo às explicações do mestre, alheio aos remoques dos garotos, embrenhava-me na leitura do precioso fascículo, escondido entre as folhas de um atlas. As vezes, procurava na carta os lugares que o ladrão terrível percorrera. E o mapa crescia, povoava-se, riscava-se de estradas por onde rodavam caleças e diligências.

Conheci desse jeito várias cidades, vivi nelas, enquanto os pequenos em redor se esgoelavam num barulho de feira. O folhetinesco, o “herói republicano” caro a outro menino, Jean-Paul Sartre: Pardaillan, cria de um autor anarquista, Zevaco, que os fascículos da revista FonFon haverão de divulgar fartamente pelo Brasil. Mas isto já é outra história. Hoje o tema é Rocambole. Mas volto a ontem, para as definitivas “últimas palavras” desta introdução ao rocambolismo, que entrego a outro escritor, que também evoca o passado, desta vez das “cidades mortas” do Vale do Paraíba, S.Paulo:

“Itaoca... pobre lugarejo perdido no espinhaço da serra.. tem, oficialmente, cinco mil habitantes, — estatística feita a olho —..., e regida politicamente pelo coronel José Pedro, e intelectualmente pelo vigário, monsenhor Acácio da Silva, um homem que sabe tudo, até astronomia! Além deste luzeiro, ha outras possantes candeias em Itaoca: o juiz, velho bacharel pelo Pedro II; o Leão Lobo, mulatinho disfarçado, emérito em versos, charadas, enigmas e

logogrifos. Há ainda Pimenta, secretário da Câmara; o major Ventania, veterano de Itararé, e outros, que leram o Rocambole a fio e assinam as folhas governistas.” (Monteiro Lobto. *Cidades Mortas*, 9ª ed., Brasiliense, 1959, p.163)

NOTAS

⁵⁶ “ — Diga aí, pronunciou gravemente Sir William, você fazia muita questão do teu título de visconde sueco? — E por que não, ele me colocava muito bem no mundo. — Pois eu te crio marquês brasileiro — Ora veja! — De hoje em diante você vai se chamar don Inigo, marquês de los Montes; serás o descendente de uma velha raça espanhola estabelecida há um século no Brasil. Teus antepassados, arruinados a serviço da Espanha, fizeram uma fortuna fabulosa no Brasil, conquistando vastas terras desertas, e tu gastas loucamente em Paris os lucros que dão teus numerosos rebanhos de búfalos, de carneiros e cavalos. És um fidalgo pastor.” (*Turquoise pêcheresse*, vol. III dos *Dramas de Paris*, ou seja das *Proezas de Rocambole*, p.206 ed. Garnier, 1975.) Será necessário evocar o *Je suis brésilien j'ai de l'or* das *Gaités Parisiennes* de Offenbach?)